

# Oficinas de produção de fotografias: corpos dissidentes e a força da perspectiva

*Photography workshops: dissident bodies and the power of perspective*

**Rossana Bogorny Heinze, Jaqueline Tittoni**

## Resumo

Esse artigo é parte da tese de doutorado “Corpo-palavra: movimentos de desinstitucionalização na produção de conhecimentos acadêmicos por mulheres dissidentes”. A tese produziu-se através de entrevistas on-line com mulheres que participavam de diferentes militâncias feministas, oficinas de escrita, produzindo narrativas sobre a definição e o reconhecimento de si como mulher e oficinas de produção de fotografias, que teve a corporalidade como elemento disparador e articulador da noção de corpos dissidentes. Este artigo discute as oficinas de produção de fotografias, realizadas com mulheres, a partir da perspectiva do corpo dissidente e através da crítica aos processos de colonização dos corpos e do conhecimento. As imagens produzidas nesta oficina foram entrelaçadas com comentários advindos de seu compartilhamento, indicando sobre afetos, sensibilidades e potências que produzem corpos dissidentes.

## Palavras-chave

corpos dissidentes, mulheres, fotografia, coletivo.

## Abstract

*This article is part of the doctoral thesis "Body-word: movements of deinstitutionalization in the production of academic knowledge by dissident women". The thesis was produced through online interviews with women who took part in different feminist activist groups, writing workshops, producing narratives about the definition and recognition of oneself as a woman and photography workshops, which had corporeality as the triggering and articulating element of the notion of dissident bodies. This article discusses the photography workshops held with women from the perspective of the dissident body and through criticism of the processes of colonization of bodies and knowledge. The images produced in this workshop were interwoven with comments from their sharing, indicating affections, sensitivities and powers that produce dissident bodies.*

## Keywords

*dissident bodies, women, photography, collective.*

**Rossana Bogorny  
Heinze**

**Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul**

Psicóloga, doutora em Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional.

[rossanabheinze@gmail.com](mailto:rossanabheinze@gmail.com)

**Jaqueline Tittoni**

**Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul**

Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional.

[jatittoni@gmail.com](mailto:jatittoni@gmail.com)

## Introdução

Esse artigo é parte da tese de doutorado intitulada “Corpo-palavra: movimentos de desinstitucionalização na produção de conhecimentos acadêmicos por mulheres dissidentes” produzida por Rossana Bogorny Heinze e orientada por Jaqueline Tittoni. Ela nasce na agonia da pandemia, como um ato dissidente de vida e de produção naquele cenário de incertezas, de morte e de esperanças minguadas. Estudo que se produziu nas beiradas, rachando as fronteiras do conhecimento acadêmico ao buscar estratégias para se fazer possível. De inspiração cartográfica, andou entre entrevistas on-line com mulheres que participavam, naquele momento, de movimentos sociais ou de formas de militância feminista, que colocavam a mulher em um território de lutas e de disputas por visibilidade, reconhecimento e liberdade. Também percorreu oficinas de escrita, produzindo narrativas sobre ser mulher neste e naquele presente tão singular. Por fim, realizou oficinas de produção de fotografias, que relataremos nesta exposição, ressaltando que elas são parte de um caminho e indicam sobre um caminhar que foi se fazendo neste processo.

A tese guarda memórias de encontros, de conversas desconcertantes e instigantes, de desejos de presença tanto nas tantas militâncias que evocou, como naqueles tempos marcados pelo isolamento físico. Poderíamos dizer que ela acabou por configurar-se em uma curadoria de memórias, feitas de imagens e de palavras, de silêncios e de invisíveis vividos nas experiências de viver-ser-desejar mulher e desafiaram o isolamento, criando espaços de criação coletivos, pelo compartilhamento das produções individuais.

Esta tese buscou, também, enfrentar uma inquietação intensa sobre como alguns saberes se instituem no campo dos conhecimentos acadêmicos e outros ficam renegados à margem, pensando na colonização do conhecimento e nos tantos efeitos que produz no reconhecimento dos saberes que se definem como acadêmicos. No processo da pesquisa ficou evidente quão fortes são as estruturas opressoras construídas pela colonização, no que se refere ao corpo e ao gênero, e com que intensidade pressiona os corpos de mulheres dissidentes para fora da academia e das produções acadêmicas.

Dessa forma, o processo que identificou estas dissidências foi buscar justamente nas narrativas produzidas por esses corpos, pistas que pudessem contribuir para uma efetiva transformação social no campo do conhecimento. A dissidência, que à primeira vista enunciava-se como militância, tomou corpo e encharcou-se de cotidiano, manchando o conhecimento acadêmico com os saberes produzidos no dia a dia dos dias vividos, nas formas transgressoras de enfrentar as violências coloniais que atingem as mulheres, lhes marcam o corpo física e subjetivamente.

Narramos este processo, neste artigo, identificando os planos de experiência em que as autoras se colocam, quais sejam a narrativa e a experiência efetiva nas oficinas de fotografias. Assim, em alguns momentos as experiências serão narradas como “nós” e, em outros, como “eu”, identificando estas diferentes formas de inserção neste processo de produção de conhecimento. Estes planos, nas suas distinções, colaboram e interagem, talvez porque a amizade é a linha que costura os fios que os unem, criando formas dissidentes de produzir conhecimento científico.

## **Olhares em movimento: oficinas de produção de fotografias**

Helena Vieira (2021) aponta que o feminismo decolonial só existe a partir da corporalidade. Entretanto, é importante que possamos dizer que corpo nos interessa para essas análises. O conceito que sustenta este estudo

é de um corpo habitante de fronteiras que, como nos diz Glória Anzaldúa (2016), pode ser percebido como rachado ou em partes, pois, ao estarmos inseridos em uma sociedade instituída a partir da colonização, os modos de vida e de conhecer dos colonizadores subjagam os demais e experienciamos o mundo a partir de fragmentos de nós mesmas.

Sendo assim, o corpo passa a ser situado a partir de um território de forças, que invisibilizam e visibilizam as existências, definindo subjetividades. Partir da corporalidade é acolher as diversas partes que habitam em nós e que foram produzidas pela alienação das nossas próprias vivências. A proposta da construção de conhecimento por mulheres dissidentes a partir movimentos de decolonialidade, passa pelo reconhecimento dos nossos corpos e acolhimento das narrativas coletivas, que os transversalizam e situam no mundo.

A experiência do corpo é coletiva, pois é produzida a partir de mecanismos que violentam e oprimem um povo. Segundo Maria Cristina Simões Viviani e Danielle Parfentieff de Noronha (2021)

Os corpos foram colonizados por diferentes mecanismos atentos a hierarquização das diferenças, que promoveram processos de racialização, generificação e homogeneização, que vão implicar, do ponto de vista prático, nos acessos ao trabalho e à distribuição dos recursos e, do ponto de vista do imaginário, na construção dos processos identitários e nas possibilidades de representar e ser representada (Viviani e Noronha, p. 268, 2021).

Silvia Rivera Cusicanqui (2015) diz que os movimentos de descolonização passam por práticas de reflexão e comunicação entre coletivos, em busca do encontro com suas memórias e seu próprio corpo.

Dito isso, ao escutar tantas narrativas ao longo do percurso deste estudo, percebemos que a imagem, tão próxima à palavra, também estava em questão. Mulheres que narram suas vidas através da escrita invocam imagens de violências e de resistências, mas a palavra é capturada rapidamente pela colonialidade, enquanto a imagem possibilita a problematização dos invisíveis, pois incide diretamente sobre as linhas de visibilidade, que constroem os jogos entre o que é visível e o que é invisibilizado. O exercício da escrita é uma forma fundamental de libertação, entretanto, exercitar nosso olhar buscando o que escapa nas imagens que estão postas à vista é, também, um forte aliado para o reconhecimento das nossas experiências.

Cusicansqui (2010) mostra, na história andina, como justamente as iconografias feitas por Puma Ayla escapavam do forte controle da escrita para narrarem as vidas indígenas que habitavam o território e eram oprimidas pelos colonizadores. Escapavam, pois compunham narrativas visuais com símbolos e atitudes próprias dos povos originários e estas imagens não eram compreendidas e, assim, não eram identificadas pelos colonizadores. Estavam invisibilizadas para o colonizador, mas muito evidentes para as pessoas indígenas. Podemos pensar que a escolha de trabalharmos com as imagens passa, como Cusicansqui (2010) nos mostra, por um posicionamento político de visibilizar as lutas dos povos colonizados.

Temos produzido estudos com intervenção fotográfica por bem mais de uma década, tanto na pesquisa (Heinze, 2015; Tittoni, 2017), quanto facilitando oficinas para públicos diversos, principalmente, de trabalhadores e trabalhadoras. A proposta da intervenção fotográfica é a dessensibilização do olhar preso às lógicas hegemônicas – capitalista e patriarcais, apenas para situar algumas destas linhas de opressão visíveis neste estudo - que instituem formas de ver e definem visibilidades. Objetivasse mostrar,

através de oficinas, que as imagens são sempre produzidas mediante uma escolha sobre o que fotografar, entre várias escolhas possíveis. Dessa forma, a imagem é carregada de perspectivas e narrativas e se produz no encontro entre os conteúdos visuais capturados e as tantas formas de ver que lhes dão vida e sentido. Construimos as oficinas de produção fotográfica inspiradas em três movimentos: sensibilizar o olhar, escolher o conteúdo visual a compor a visualidade e olhar a fotografia para, neste encontro entre o conteúdo visual e o olhar, criar imagens. Para a primeira etapa, por muito tempo usamos fotógrafos e fotógrafas como Nair Benedicto, Vik Muniz, Evgen Bavcar, entre outros, buscando criar brechas nos modos de ver hegemonizados com fotografias que carregavam uma intencionalidade e um conceito - fotos-arte, que evocavam uma experiência sensível e de afetos insubmissos. Esses fotógrafos e fotógrafas, ainda que com trabalhos muito importantes, eram, na maioria, homens e brancos. Para problematizar este olhar, entendemos como fundamental buscar fotógrafas que estivessem comprometidas com uma perspectiva decolonial. Assim, nestas primeiras oficinas - que chamamos oficinas de sensibilização - compartilhamos algumas imagens da fotógrafa Paula Mello. Esta fotógrafa expõe no seu instagram @paulasmmello\_com fotografias potentes que denunciam questões de gênero e sexualidade, jogando com as palavras, os corpos e o enquadramento.



Figura 1: produzida por Paula Mello (@paulasmmello\_com).

Viviani e Noronha (2021) alertam para o fato de que a fotografia foi utilizada por muito tempo a serviço do colonizador, pois o equipamento fotográfico não era acessível para todas as pessoas. Isto posto, fica evidente que os corpos brancos podiam escolher como gostariam de ser fotografados e quais narrativas seriam contadas pelas imagens. Entretanto, com a apropriação da tecnologia pelos corpos subalternizados, torna-se possível pensar em imagens de resistência, que lutam para ter visibilidade entre as forças da invisibilização.



Figura 2: produzida por Paula Mello (@paulasmmello\_com).

Viviani e Noronha (2021) propõem que a fotografia funcione como uma ferramenta decolonial, tendo em vista que, quando ela é produzida pelos corpos dissidentes, possibilita a quebra de estereótipos e o resgate identitário, produzindo imagens dissidentes, que desafiam as imagens hegemônicas pela lógica colonizadora, capitalista e patriarcal. O nosso interesse ao trazer para oficinas de intervenção fotográfica imagens que mostram os corpos e tensionam nossos olhares para além da instituição colonialidade, é provocar rachaduras nas lógicas imagéticas e oportunizar que nossos corpos dissidentes visualizem brechas para narrarem suas histórias.

Assim, a pesquisadora Rossana, juntamente com Malu Jimenez, propuseram a oficina “Corpos políticos, resistências fotográficas”, em agosto/setembro de 2021. Participaram onze pessoas, entre elas duas pessoas trans não binárias, um homem cis e oito mulheres cis. Essa atividade não foi proposta em função da tese, porém, se tornou um dos movimentos importantes do meu percurso como pesquisadora e passou a integrar o estudo através da concessão das imagens, com a finalidade específica de produção do conhecimento acadêmico produzido a partir da tese.

Nos seis encontros da oficina conversamos sobre o conceito de imagens de controle de Patricia Hill Collins (2019), para mostrar o quanto as imagens hegemônicas nos moldam e também sobre a sociologia da imagem de Sílvia Cusicanqui (2015), que nos mostra como devemos ficar atentos para a colonialidade do ver. Segundo Cusicanqui (2015), a sociologia da imagem contribui para a compreensão do social, revelando e atualizando suas práticas. Sendo assim, as imagens oferecem narrativas e perspectivas críticas de compreensão do mundo em que estamos inseridos. Ela reforça que a imagem é, ao mesmo tempo, metáfora e testemunho de uma experiência. Nela se compreende uma dimensão ficcional, mas também encontramos vestígios das práticas de opressão colonial.

Os conceitos dessas autoras, acompanhados por fotografias como as de Paula Mello, funcionaram na oficina como disparadores para produção de imagens que buscassem dar(se) conta de responder: como vejo meu corpo? Que histórias meu corpo conta? Como percebo meu corpo enquanto potência e resistência?

Assim, foi proposto que as pessoas produzissem individualmente suas próprias imagens a partir dessas inquietações, que, em um segundo momento, foram compartilhadas de forma on-line com todas as pessoas da oficina. Foram convidadas apenas as pessoas que se identificam como

mulheres para compartilharem seus trabalhos na tese, em razão da temática proposta. Nem todas demonstraram interesse em permitir o uso de suas imagens e cinco mulheres autorizaram o uso de suas imagens e de seus nomes.

### **Corpos, Imagens e dissidências: mulheres em movimento**

A realização das oficinas, as trocas e o compartilhamento de imagens produzidas individualmente geraram uma série de reflexões e de produções de imagens que mostraram as forças insurgentes e potentes que se delinearam neste processo. Manifestaram o quão importante é situarmos nossas práticas a partir da corporalidade, deixando à vista as sensibilidades que residem na superfície da pele, no encontro entre o que se vê, se imagina, sente e mostra. Imagens foram criadas para mostrar-se corpo, na intensidade e complexidade de sua existência. As fotografias marcaram as imagens, também, com seus nomes, explicitando autorias e dando visibilidade às mulheres cujo desejo de visibilidade e reconhecimento, sustenta as lutas cotidianas como corpos dissidentes.

Nesta narrativa demos prioridade às imagens, mais do que as reflexões que evocou quando compartilhada. Dos diários de pesquisa vem os comentários expostos neste texto, no encontro entre o que se produziu como imagem nas oficinas e a experiência sensível de quem estava na posição de pesquisar-escutar-imaginar. Trata-se de deixar as imagens falarem, não como provas ou representações de situações vividas, mas convocando o olhar sensível para que se abra aos conteúdos visuais, à imaginação e aos encontros que as imagens podem evocar.

Gigliolla Melo apresentou essas duas fotografias que seguem, uma produzida por ela e outra por Ewellyn Lima. Deste modo, o convite é para a experiência de demorar o olhar, nestas imagens, em um corpo branco, corpo de mulher, corpo gordo, corpo com tatuagens, marcas da vida e que pede na composição de cena mais amor, por favor.

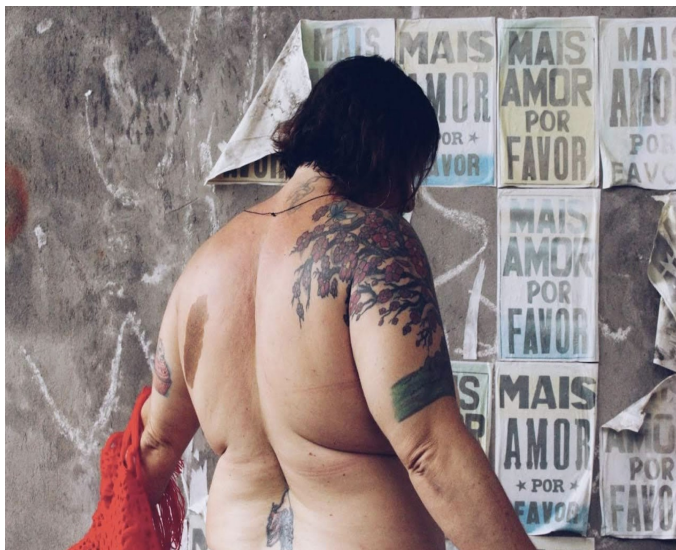


Figura 3: produzida por Ewellyn Lima, modelo Gigliolla Melo.

Esse corpo que se presentifica na liberdade, ao mesmo tempo em que denuncia a necessidade de pedir amor, é o mesmo que sufoca na roupa apertada da Fotografia 4. Recordo das palavras usadas pela fotógrafa para

falar sobre sua imagem: um parto, nascimento, libertar-se. Gigliolla é atriz e conta que a imagem era, também, uma performance em que falava de amarras. Amarras do corpo, que o partem, fragmentam, que o separam e obrigam que precisemos pedir amor. Corpos de um coletivo de mulheres dissidentes.



Figura 4: produzida por Gigliolla Melo.

Ao colocar em questão como vemos nosso corpo, indagamos sobre onde situamos esse corpo, tendo sido feitas imagens que mostram a força do corpo que se descobre e se liberta, mas que demonstra também o seu apagamento, por não ser um corpo normativo.

Estamos cientes do quanto os corpos de mulheres que atendem às demandas da colonialidade são aqueles produzidos como objeto à serviço do olhar e da lógica masculina, branca e heterossexual. Dessa forma, teremos corpos brancos e magros como aqueles desejados e reconhecidos para ocuparem o lugar de destaque e a eles é dado o privilégio de co-existirem. Por outro lado, corpos de mulheres negras estão destinados ao trabalho, seja ele sexual ou doméstico. As mulheres gordas, negras, mestiças, lésbicas, chicanas, habitarão um não-lugar, onde contarão histórias de invisibilidades e de tentativas de pertencimento.



Figura 5: produzida por Cintia Richter.

Durante o compartilhamento das imagens produzidas no coletivo da oficina, a fotografia 5, de Cintia Richter, foi apontada como aquela que poderia ilustrar facilmente um artigo sobre a performance do ser mulher na nossa sociedade. Reparem que Cintia traz propositalmente uma balança ao centro, regulando quanto pesamos, sendo que sermos mais ou menos aceitas está diretamente ligado aos números que esse equipamento revela. Poderia, de certa forma, mostrar também o tanto de peso que carregamos para acessar a este lugar de privilégio e que deve ser invisibilizado nos pesos e medidas normativas que fazem de um corpo, um corpo de mulher.

Para compor a cena, a Fotografia 5 mostra que temos inúmeros produtos, roupas, adereços, alimentos, que servem unicamente para uma busca desenfreada de aceitação. Ao provocar sobre quais histórias contam nossos corpos, automaticamente as mulheres lembram as inúmeras tecnologias criadas pela colonialidade para homogeneizar suas existências. Ainda assim, seguimos partidas, como bem nos mostra a Fotografia 6, de Rosane Ponciano.

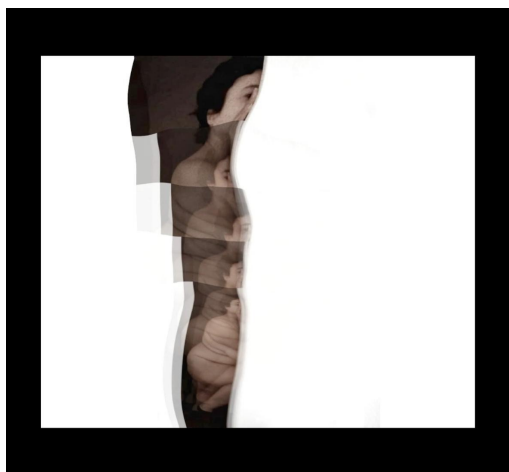


Figura 6: produzida por Roseane Ponciano

Nos vemos em brechas, na fenda da fechadura, corpos quase proibidos de existirem na sua forma dissidente. Rosane Ponciano, na sua imagem, registra esse corpo invisível, mas que se faz visível, produzindo, ainda que em partes, histórias de resistência.

Se na Fotografia 5 podemos ver elementos que pressionam para uma subjetivação colonizada, na Fotografia 6 aparece o quanto resistimos, mesmo que partidas.

¿Porqué no tengo sombra?  
 ¿Hay luces que me iluminan por cada lado? Adelante, Adelante.  
 Enroscada en los aros de la serpiente,  
 con el aliento húmedo de la muerte en la cara,  
 en ese instante lo supe: algo tenía que cambiar. o moriría  
 Algo tenía que cambiar (Anzaldúa, p. , 2016).

Das invisibilidades que se presentificam, resistências nos interpelam para que nos apropriemos de nossas vidas. A construção de imagens dos nossos corpos-potência mostra a possibilidade de fazer ver as perspectivas que nos atravessam e nos instituem como habitantes de fronteiras, que



batalham suas vidas e narram suas próprias histórias-corpos nestas zonas fronteiriças. Nas zonas onde as forças institucionais perdem um pouco de sua energia e de onde podem fluir outras potências que, insurgentes, querem lugar, visibilidade e reconhecimento

É interessante observar na narrativa deste processo de mostrar(se) corpo, que nas primeiras imagens aparece um o corpo que pouco se mostra, um corpo que pede amor, um corpo que se molda ou que resiste na brecha. A partir deste primeiro momento, segue-se o compartilhamento das imagens que mostram corpos que se reconhecem enquanto imperativos de luta. A narrativa das imagens foi conduzindo este processo.

Do coração aos pés, como na Fotografia 7, de Cintia Richter, que, ao primeiro ver, pode simbolizar uma entrega, mas que denuncia o desejo de que nossos pés possam tocar e ir aonde o nosso coração assim desejar.



Figura 7: produzida por Cintia Richter.

Aqui, também a imagem do corpo que se descasca da violência decolonial e das amarras do patriarcado, como na Fotografia 8, de Vanessa Farenzena, e se reconhece na junção de suas partes, agora todas à mostra.



por trás da casca

Figura 8: produzida por Vanessa Farenzena.

Dos nossos corpos em movimentos, como na Fotografia 9, de Rosane Ponciano, transitando pelas fronteiras, habitando suas existências, reconhecendo a vida presente no que não era visível e agora faz-se ver. Entretanto, o jogo da invisibilidade é constante. Não existem espaços seguros para os nossos corpos, mas, existem vidas que narram e passam a se fazer ver nas brechas do conhecimento.

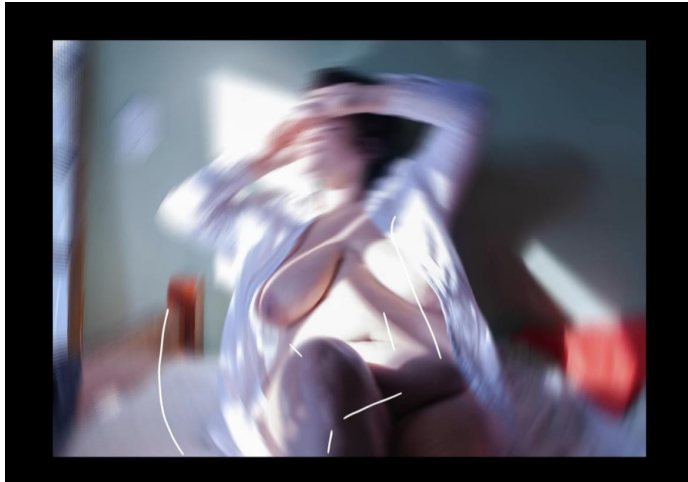


Figura 9: produzida por Roseane Ponciano.

Imagens que percebem seus corpos-potência não apenas como perspectivas de luta, mas como palavras de guerra, como na Fotografia 10, de Flávia Piaseki. Temos aí o corpo- imagem- palavra, que ao mesmo tempo que se narra, se constitui e que, ao se reconhecer, permite que se conte.

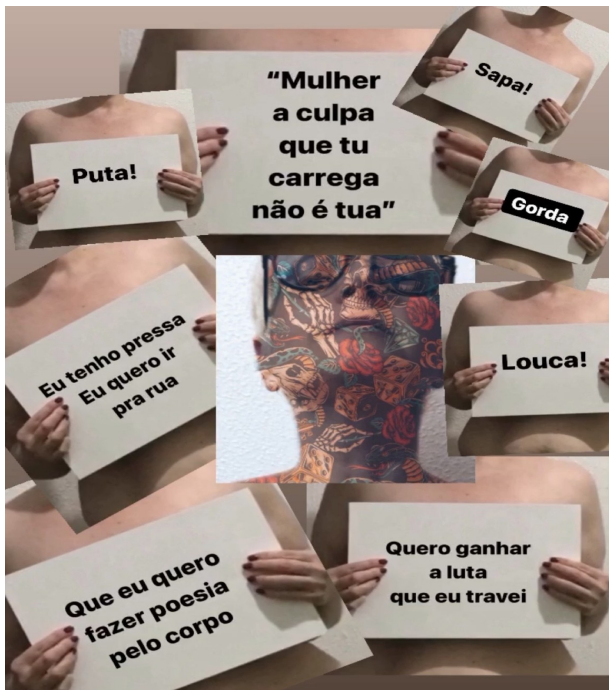


Figura 10: produzida por Flávia Marina Piaseki.

Acompanhar essas mulheres que compartilharam as fotografias ao longo da oficina, oportunizou que se reafirmasse a importância do olhar, pois, se a escuta organiza nosso percurso, o olhar situa nossa corporalidade. A produção dessas imagens fez com que as pistas para legitimação dos nossos conhecimentos dissidentes fossem sendo reveladas. É preciso, como me dizia uma das mulheres pesquisadoras com quem conversei, muita força de perspectiva.

Depois de tantos movimentos e torções, podemos perceber que a força de perspectiva é esse olhar que se revela e se institui em um corpo que desgarra da norma.

Ao situarmos nossa corporalidade, através da percepção coletiva daquilo que nos atravessa, passamos a nos apropriar da possibilidade de contar nossas histórias, e sermos resistência nas produções de conhecimento, instituindo-os a partir de um lugar de fronteira.

## Uma ou duas ideias, para finalizar

A realização destas oficinas deixou marcas em nosso caminhar como pesquisadoras, como mulheres e como corpos-imagens-palavras que se colocam nesta grande aventura de produzir conhecimentos que possam abrir espaços de visibilidade e de reconhecimento das dissidências, aqui produzidas como corporalidade. Silvia Rivera Cusicanqui (2015) nos lembra que a participação não é um instrumento da observação, mas, sim, seu pressuposto e, assim, nos indica que estar junto é o pressuposto para conhecer. Ela também nos sugere, através das estratégias metodológicas que cria como oficinas de fotografia, três momentos para criar um método em movimento, caminhar, conhecer e criar. Nas oficinas aqui narradas, o caminho percorrido registrou-se no espaço tempo de territórios que se limitavam a um espaço físico, mas se expandiram como territórios existenciais. O compartilhamento das imagens permitiu conhecer e criar a partir de encontros múltiplos, que circularam entre a afirmação de políticas identitárias e a aberturas para ver as imagens que se mostravam nas frestas. Encontros que reafirmaram a potência dos coletivos para as lutas insurgentes, seus desdobramentos - a partir das dobras que enunciam - e seus efeitos de transformação e produção da vida. Mostraram também, a força das experiências cotidianas, das militâncias que se dão no silêncio, como nos indicou Patrícia Hill Collins (2019), ao falar sobre o feminismo negro e suas singularidades.

Por fim, a realização destas oficinas reafirmou a potência da imagem, nas suas múltiplas aberturas para produção de visibilidades dissidentes. Neste nosso presente, marcado pela produção, proliferação e datificação absurda de imagens, fazer com que esta estratégia de produção de conhecimento componha nossos estudos é uma forma de problematizar, também, nosso presente. Do mesmo modo, configura-se como uma

forma importante de confrontar e enfrentar os processos de colonização, da vida e do conhecimento, ampliando a perspectiva do narrar através da palavra escrita e falada.

## Sobre o artigo

Recebido: 11/05/2023

Aceito: 13/06/2023

## Referências bibliográficas

ANZALDÚA, G. **Borderlands/La Frontera: La nueva mestiza**. Trad. de Carmen Valle Simón, Madrid: Capitán Swing, 2016.

COLLINS, P. H. **Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consistência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

CUSICANQUI, S. R. **Sociología de la Imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

HEINZE, R. B. **Transversalizando práticas: trabalhando em uma assessoria jurídica universitária em direitos sexuais e de gênero**. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/130521>. Acessado em junho de 2022.

TITTONI, J. **Psicologia e Fotografia**. Porto Alegre: Ed. Dom Quixote, 2017.

VIEIRA, H. **Feminismo Decolonial e Queer of colors**. Realização Outro Grupo de Teatro/ UFC. Curso on-line, 2021.

VIVIANI, M. C. S.; NORONHA, D. P. Práticas decoloniais: a representação dos corpos pelo olhar de Naira Jinkns. **Dossiê Fotografia, crises e contemporaneidade: olhares sobre existências**. Esferas, ano 1, vol 3, n 22, 2021.